



SOBRE A TRADUÇÃO DE “DIANTE DO MONTE KENYA”

Luciana Schleder Almeida¹

Maria Andrea dos Santos Soares²

Paulo Ricardo Müller³

Publicado em 1938, *Facing Mount Kenya*⁴ é uma obra indispensável quando o objetivo é incorporar autorias africanas ao estudo da história da Antropologia e das Ciências Humanas de modo geral. Um documento incomum em que um antropólogo não-imperial faz uso do gênero metropolitano para descrever o povo ao qual pertence: os quicuiu. Quando escreveu os trechos traduzidos neste volume, Jomo Kenyatta (~1893–1978) já era um intelectual maduro e engajado no movimento de libertação do Quênia. A linguagem etnográfica seria, para Kenyatta, uma ferramenta capaz de traduzir para europeus ligados à administração colonial as reivindicações e a razão de ser do modo de vida quicuiu⁵. Os estudos sob a supervisão de Bronislaw Malinowski na prestigiada London School of Economics (LSE) entre 1934 e 1937, e a atuação como antropólogo correspondem a uma pequena fração da memória dedicada a Jomo Kenyatta, mais lembrado por ter sido presidente do Quênia de 1963 a 1978 e celebrado como fundador da nação queniana.

Os quicuiu são o maior grupo étnico do Quênia, contando hoje com cerca de oito milhões de pessoas e constituindo 17% da população do país. A língua quicuiu pertence ao tronco etnolinguístico banto, considerada próxima às línguas Embu e Mbeere. A denominação étnica quicuiu remete a um processo de “registro identitário” por parte do poder colonial britânico que, em

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

³ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

⁴ KENYATTA, Jomo. *Facing Mount Kenya: the tribal life of the Gikuyu*. London: Mercury Books, 1962 [1938].

⁵ CELARENT, Barbara. *Facing Mount Kenya by Jomo Kenyatta*. *American Journal of Sociology*, vol. 116, n. 2, 2010 (722-728).

meados do século XX, acabou por amalgamar uma série de grupos locais ligados por laços de parentesco e pelo cultivo das terras situadas no vale do Monte Quênia. Por de alguma forma unificar a população da região como um *povo*, a denominação quicuio tornou-se instrumental tanto para a ação colonial e missionária quanto para o desencadeamento da luta anticolonial e para a formação da guerrilha Mau-Mau⁶. Registros arqueológicos sugerem que a formação das unidades domésticas e de produção que vieram a ser classificadas como quicuio se originaram de entrepostos resultantes de alianças entre populações caçadoras-coletoras e pastoras que tinham o Monte Kenya como um ponto de transumância, e grupos sedentários que migravam para o sul do continente, por volta dos séculos VIII e IX⁷. Os arranjos para a convivência e a resolução de conflitos entre grupos transitórios e permanentes estruturou uma forma de socialidade específica da região, que deu origem a outros princípios de organização social para além da unidade familiar e de parentesco, tais como os grupos etários e o trabalho agrícola coletivo, descritos por Jomo Kenyatta em maior profundidade nos capítulos II e III de *Facing Mount Kenya*.

Até o século XIX, os quicuio estiveram em contínua expansão de sua territorialidade por meio do cultivo de terras, razão pela qual eram reconhecidos como um povo “pioneiro”. O comércio com outros grupos africanos e com os comerciantes árabes e indianos que povoavam o litoral leste da África era feito às margens de seus territórios⁸. Entretanto, em 1895 o governo britânico estabeleceu o East Africa Protectorate (Protetorado da África Oriental) e, na sequência, permitiu a vinda de imigrantes europeus para cultivar os campos férteis das terras altas onde os quicuio viviam e praticavam a agricultura. Os quicuio e os imigrantes europeus entraram em conflitos frequentes e, devido à força de repressão e às armas do protetorado, foram sucessivamente vencidos em confrontos armados. Muitos perderam suas terras e entre os anos 1910 e 1920 foram forçados a migrar para as cidades ou trabalhar nas terras então pertencentes a colonos europeus. Devemos ressaltar, entretanto, que os quicuio desempenharam papel fundamental no processo de resistência ao domínio colonial britânico. Já em 1921, surgiu o movimento “Piny Owacho” (A voz do Povo). Na mesma época, surge também a “East Africa Association”, de cunho nacionalista e cujo líder, Harry Thuku, teve que ir para o exílio já em 1922. Em 1924 surge a Kikuyo Central Association (KCU), uma organização que buscava dar continuidade à luta de Thuku. É nesta organização que Jomo Kenyatta emerge como um dos porta-vozes e liderança do povo quicuio.

⁶ ARAUJO, Melvina. Missionários, Kikuyu e Mau Mau: pontos de convergência em situações de conflito. *Revista Aulas*, n. 4, 2007 (1-32).

⁷ DROZ, Yvan. Genèse d’une “ethnie”: le cas des Kikuyus du Kenya central, *Canadian Journal of African Studies/La Revue Canadienne des Études Africaines*, vol. 32, n. 2, 1998 (261-284).

⁸ CLARK, C. M. Land and Food, Women and Power, in Nineteenth Century Kikuyu. *Africa: Journal of the International African Institute*, vol. 50, n. 4, 1980 (357-370).

Relatos como os de Peter Nguli⁹ e Victoria de Menil¹⁰ resumem os diferentes momentos da trajetória de Kenyatta, começando por seu nascimento como Kamau wa Ngengi em 1893, na vila de Gatundu, na região central do Quênia, e sua situação na dinâmica familiar a partir da morte do pai e transferência de sua família para um tio paterno. Quando a mãe morreu durante um parto, Kenyatta se mudou para a residência do avô, que era curandeiro em outra área. Frequentou escolas cristãs, onde estudou a bíblia, inglês, matemática e carpintaria pagando seus estudos cozinhando para colonos brancos. Em 1913 foi iniciado nas tradições quicuio, passando, inclusive, pela circuncisão. No ano seguinte converteu-se ao cristianismo adotando o nome John Peter, que logo mudou para Johnstone Kamau. Durante a Primeira Guerra Mundial, para evitar o regime de trabalho forçado instituído pelo governo colonial britânico, foi viver com parentes massai em Narok, a cerca de 150 quilômetros de Nairóbi. Em 1919, já em Nairobi, casou-se com Grace Wahu, com quem teve o primeiro filho no ano seguinte.

Entre 1922 e 1928 trabalhou como tradutor-intérprete no fórum de justiça de Nairobi e como leitor de hidrômetros para a empresa de fornecimento de água, o que lhe permitiu estabelecer contato cotidiano com diferentes setores da população não-britânica na região, bem como suas primeiras alianças com comerciantes asiáticos que posteriormente ajudaram a financiar suas ações políticas. Em 1928 lançou um jornal em quicuio, e entre 1929 e 1931 foi à Inglaterra duas vezes como representante da KCU para protestar formalmente contra o confisco de terras e as condições gerais de vida dos quicuio sob o governo colonial. Permaneceu na Inglaterra até 1937, período em que finalizou sua formação acadêmica superior e realizou o doutorado em antropologia que resultou no livro *Facing Mount Kenya*. Foi em 1938, ano em que lançou o livro, que adotou o nome Jomo Kenyatta, que junta referências linguísticas e simbólicas dos diferentes grupos étnicos que constituem a população queniana, incluindo a própria denominação do país.

Enquanto Secretário Geral da KCU, Kenyatta trabalhou para unificar os quicuio, tentando, sem sucesso, conciliar alas que eram a favor e contra o apoio a Harry Thuku e o banimento da chamada circuncisão feminina, bem como defensores de diferentes modelos de política de distribuição de terras.. Em 1944, Harry Thuku fundou a Kenya Africa Study Union (KASU), que em 1946 foi renomeada Kenya African Union (KAU). Jomo Kenyatta se tornou seu presidente em 1947. Acusado de envolvimento com a guerrilha Mau-Mau, classificada como organização terrorista pelo governo colonial, Kenyatta ficou preso por 7 anos em regime de trabalhos forçados

⁹ NGULI, Peter. "The Life and Times of Founding Father Jomo Kenyatta". *The Standard Magazine*, Junho de 2013. Disponível em <https://www.standardmedia.co.ke/counties/article/2000085761/the-life-and-times-of-founding-father-jomo-kenyatta->. Acesso em 27 de outubro de 2021.

¹⁰ DE MENIL, Victoria. "Once upon a time when Jomo Kenyatta was a student at the LSE". *Africa at LSE Blog*, Dezembro de 2013. Disponível em [https://blogs.lse.ac.uk/lsehistory/2018/08/15/once-upon-a-time-when-jomo-kenyatta-was-a-student-at-lse/-](https://blogs.lse.ac.uk/lsehistory/2018/08/15/once-upon-a-time-when-jomo-kenyatta-was-a-student-at-lse/). Acesso em 27 de outubro de 2021.

seguidos de 2 anos de prisão domiciliar. Depois de ser libertado em 1961, liderou a Kenya Africa National Union (KANU), um partido de coalizão entre os quicuiu e os Luo, com o qual a Inglaterra passou a negociar a independência do Quênia. Em 1963, o KANU venceu as eleições, levando Jomo Kenyatta à presidência do novo país.

Os capítulos aqui publicados são o Prefácio, o Capítulo I: Origem tribal e sistema de parentesco e a Conclusão. Estes fragmentos situam o público leitor em relação aos objetivos desta etnografia produzida em uma instituição britânica por um estudioso oriundo da sociedade estudada, a qual estava sob domínio colonial britânico. Kenyatta buscou em sua descrição etnográfica de cunho acadêmico articular, contextualizar e, de certa forma, justificar as reivindicações dos grupos sociais que viriam a formar a sociedade queniana. Os trechos escolhidos também possibilitam uma visão geral da organização social dos quicuiu e de seus modos de vida, ainda sob uma roupagem funcionalista, porém a partir de insights e narrativas reveladoras de um constante processo de diferenciação e resistência dos quicuiu em relação aos britânicos e a outras denominações étnicas do leste africano. Nesse sentido, *Facing Mount Kenya* inspirou e desencadeou uma série de debates cuja relevância extrapola as questões mais imediatas colocadas pela conjuntura em que o livro foi publicado.

O rechaço a qualquer tipo de intervenção ocidental no modo de vida dos quicuiu levou Kenyatta, por exemplo, a se posicionar contrariamente à proibição da clitoridectomia como parte da iniciação feminina entre os quicuiu, como uma forma de combater a influência de missionários cristãos que procuravam instituir o cristianismo opondo-o às práticas tradicionais consideradas “selvagens”. Por outro lado, a partir do relato de Kenyatta a clitoridectomia entre os quicuiu foi tomada por psicanalistas como evidência da universalidade do complexo de Édipo e da divisão sexual de papéis sociais, pois funcionaria como uma forma de obliteração de caracteres considerados masculinos nos corpos das mulheres, o que segue pautando debates nessa área até hoje¹¹.

Uma série de outros aspectos da escrita e dos contextos de *Facing Mount Kenya* já foram elencados e explorados em diferentes trabalhos. Por exemplo, os limites e tensões entre a prática política e acadêmica em etnografias produzidas desde perspectivas ativistas ou de *advocacy*, refletida na preocupação de Malinowski, na introdução ao livro, em afirmar que Kenyatta “reconhece os perigos de seu próprio *bias*”¹² e “apresenta os fatos objetivamente e, em grande

¹¹ FREDERIKSEN, Bodil Folke. Jomo Kenyatta, Marie Bonaparte and Bronislaw Malinowski on Clitoridectomy and Female Sexuality”. *History Workshop Journal*, vol. 65, n.1, 2008 (23-48).

¹² MALINOWSKI, Bronislaw. “Introduction”. In: KENYATTA, J. *Facing Mount Kenya: the tribal life of the Gikuyu*. London: Mercury Books, 1962 [1938], p. ix.

medida, sem nenhuma paixão ou sentimento”¹³, bem como sobre a construção e projeção da *persona* Jomo Kenyatta a partir do processo de escrita da tese¹⁴. Outro prolongamento importante da influência de *Facing Mount Kenya* vem de sua releitura no próprio Quênia, a partir dos anos 1990, não mais apenas como obra fundante da nação, mas como documento da hegemonia dos kicuiuio na sociedade queniana contemporânea, operando, assim, como parâmetro para diferentes posições em novas disputas políticas e ideológicas¹⁵. Qualquer adensamento desse referencial nesta breve apresentação seria insuficiente, restando-nos deixá-las como pistas e como estímulo à ampliação das discussões em torno da figura de Jomo Kenyatta e das diferentes apropriações possíveis de *Facing Mount Kenya*, agora a partir da leitura, ainda que parcial, de sua tradução para o português.

¹³ *Ibidem*, p. x

¹⁴ BERMAN, Bruce. Ethnography as Politics, Politics as Ethnography: Kenyatta, Malinowski, and the Making of Facing Mount Kenya. *Canadian Journal of African Studies / Revue Canadienne des Études Africaines*, vol. 30, n. 3, 1996 (313-344).

¹⁵ PEATRIK, Anne-Marie, “Ethnographies rivales: les Kikuyu dans le miroir de l’ethnologie coloniale (Kenya)”. *Les Carnets de Bérose*, n° 11, 2019 (330-362). [Versão em português disponível em <https://www.berose.fr/article1806.html?lang=fr>]